

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS GOIÂNIA
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DOS SERVIÇOS DE HOSPITALIDADE

EDUARDO OLIVEIRA SANTOS

A HOSPITALIDADE NO MOMENTO DA PARTIDA: UMA ANÁLISE DOS RITUAIS
FÚNEBRES DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19

GOIÂNIA, 2022

 INSTITUTO FEDERAL Goiás	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS
---	---

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☒ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☐ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Eduardo Oliveira Santos.

Matrícula: 2020.1011.2301.34

Título do Trabalho: A HOSPITALIDADE NO MOMENTO DA PARTIDA: UMA ANÁLISE DOS RITUAIS FÚNEBRES DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
- ☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
- ☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiânia, 03 / Outubro / 2022.

Local Data

Eduardo Oliveira Santos.

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

EDUARDO OLIVEIRA SANTOS

A HOSPITALIDADE NO MOMENTO DA PARTIDA: UMA ANÁLISE DOS RITUAIS
FÚNEBRES DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de artigo científico, apresentado ao curso de Especialização em Gestão dos Serviços de Hospitalidade, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Goiânia / IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gestão dos Serviços de Hospitalidade.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos de Carvalho

GOIÂNIA, 2022



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS GOIÂNIA

ATA Nº 020/2022

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e quatro dias do mês de agosto de dois mil e vinte e dois, às dezoito horas e quarenta minutos, por via remota, plataforma Google Meet, com acesso pelo link: <https://meet.google.com/crq-ybtu-kdo>, teve lugar a defesa pública de Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) como requisito obrigatório para conclusão do Curso de Especialização em Gestão dos Serviços de Hospitalidade, vinculado ao Departamento de Áreas Acadêmicas I do Câmpus Goiânia. O aluno Eduardo Oliveira Santos, matrícula Nº 20201011230134, submeteu o trabalho intitulado "A HOSPITALIDADE NO MOMENTO DA PARTIDA: UMA ANÁLISE DOS RITUAIS FÚNEBRES DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19" como exigência para obtenção do Título de Especialista em Gestão dos Serviços de Hospitalidade. A banca examinadora foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. José Carlos de Carvalho (Orientador - IFG); Prof. Dr. Carlos Shiley Domiciano (IFG); Profa. Dra. Renata Fleury Curado Roriz (IFG).

Em conformidade com o Art. 34 da Resolução do Conselho Superior do IFG, Nº 19 de 21 de maio de 2020 "o Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser avaliado por uma Banca de Professores, sendo considerado aprovado, aprovado com ressalvas ou reprovado".

Iniciada a sessão pelo presidente da banca examinadora, o discente expôs o assunto, dentro do tempo regulamentar de vinte minutos, sendo na sequência arguido pelos membros da banca e tendo dado os esclarecimentos necessários, obteve o parecer final:

- I. (x) Aprovado.
- II. () Aprovado com Ressalvas
- III. () Reprovado

Goiânia, 24 de agosto de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Carlos de Carvalho (presidente/orientador - IFG)

Prof. Dr. Carlos Shiley Domiciano (IFG)

Profa. Dra. Renata Fleury Curado Roriz (IFG)

Pós-Graduando

Eduardo Oliveira Santos (Matrícula IFG Nº 20201011230134).

Documento assinado eletronicamente por:

- Carlos Shiley Domiciano, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 28/09/2022 19:49:54.
- Renata Fleury Curado Roriz, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 27/09/2022 11:50:15.
- Eduardo Oliveira Santos, 20201011230134 - Discente, em 26/09/2022 18:06:46.
- Jose Carlos de Carvalho, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 25/09/2022 13:42:11.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 23/09/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 327426

Código de Autenticação: 8e26f4705e



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Rua 75, nº 46, Centro, GOIÂNIA / GO, CEP 74055-110
(62) 3227-2741 (ramal: 2741)



Instituto Federal de Goiás – IFG
Campus Goiânia
Departamento de Áreas Acadêmicas I
Coordenação de Turismo e Hospitalidade
Especialização em Gestão dos Serviços de Hospitalidade

A HOSPITALIDADE NO MOMENTO DA PARTIDA: UMA ANÁLISE DOS RITUAIS FÚNEBRES DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19

Eduardo Oliveira Santos¹

José Carlos de Carvalho²

Resumo

O presente trabalho pretende elevar o conceito da morte no âmbito da hotelaria, compreender a importância dos rituais fúnebres para o ser humano, buscando um comparativo entre os rituais antes da pandemia do COVID-19, com o momento ápice da mesma. As análises realizadas antes e durante a pandemia foram demonstrados o quão o ser humano pode influenciar na vida um do outro. O estudo se configurou em caráter exploratório, utilizando-se de levantamentos bibliográficos, justificada pela ausência de condições que o momento propiciava. A pesquisa realizada demonstrou que o tema morte e seus derivados precisam de estudos atenciosos e aprofundados, buscando assim elevar os padrões dos serviços a serem prestados durante esse momento. Considerando a hospitalidade um serviço impalpável, único, coube demonstrar que tal reflexão precisa ser inserida para que juntamente com os demais serviços, o profissional hoteleiro agregue à sua bagagem, tratativas, sugestões e ações para que, de forma abstrata o serviço possa lograr grandes êxitos a partir do ponto de vista de ambas as partes, tanto para o profissional, quanto para o indivíduo que está fazendo uso durante esse momento.

Palavras-chave: Hospitalidade, Morte, Funeral, COVID-19

¹ Discente do curso de Pós-Graduação em Gestão dos Serviços de Hospitalidade, Tecnólogo em Hotelaria pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Goiânia – edusotnas@hotmail.com

² José Carlos de Carvalho, Professor – Doutor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

HOSPITALITY AT THE TIME OF DEPARTURE: AN ANALYSIS OF FUNERAL RITUALS DURING THE PERIOD OF THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract

The present work intends to elevate the concept of death in the hospitality field, to understand the importance of funeral rituals for the human being, seeking a comparison between the practices before the COVID-19 pandemic, with the apex moment of it. The analyzes carried out before and during the pandemic showed how human beings can influence each other's lives. The study was configured in an exploratory character, using bibliographic surveys, justified by the absence of conditions that the moment provided. The research carried out showed that the subject of death and its derivatives need careful and in-depth studies, thus seeking to raise the standards of the services to be provided during this moment. Considering hospitality an impalpable, unique service, it was necessary to demonstrate that such reflection needs to be inserted so that together with the other services, the hotelier can add to his baggage, treatments, suggestions, and actions so that, abstractly, the service can achieve great successes. from the point of view of both parties, both for the professional and for the individual who is using it during that moment.

Keywords: Hospitality, Death, Funeral, COVID-19

1. Introdução

Com o avanço desenfreado e o aumento da propagação do vírus da COVID-19, o aumento proporcional dos casos de enterros e velórios acompanharam os números conforme atualizados constantemente nos meios de comunicações. Falar de morte é algo desafiador, assombroso, e um tabu considerado inquebrável. Quanto mais trabalhamos formas de amenizar o impacto, esse fato continua assustador e por que não dizer que é um dos principais medos do ser humano.

Maxwell Almeida (2022) relata em um de seus vídeos no *YouTube* que: Um corpo não reclamado não pode ser tratado como “indigente”, uma vez que, esse ser um dia já foi amado por alguém, e todo ser humano é proveniente de uma família.

Quando se perde de um ente querido, um amigo próximo, alguém do nosso convívio, logo pensamos no velório, na distância, tristeza. O evento do funeral de uma pessoa querida necessita da seriedade, serenidade, carinho dedicação e compaixão para os que aqui ficam e precisam tomar certas decisões nesse momento de fragilidade e vulnerabilidade.

O funeral acontece, normalmente, em um momento inesperado, mas que pode ser planejado como um casamento, ou uma festa de debutante, para que não aconteça de forma inusitada, e quando acontecer, não trazer dúvidas, transtornos, mitos e informações contraditórias.

Contemplar este tema de uma maneira multidisciplinar e inovadora tem como objetivo discutir que possam ajudar as pessoas a lidarem melhor com o assunto, pois abordar o tema morte não precisa ser algo horrível, doloroso, mas encarado como um processo de transformação, um marco que encerra a vida de todos os seres vivos e que, portanto, deve ser estudado de uma maneira clara e ampla.

Este artigo foi realizado através de leitura dinâmica, e de levantamento bibliográfico que apresentassem fluidez e uma abordagem adequada do tema, sobremodo disponibilizadas na internet. Em virtude das limitações impostas pela pandemia do COVID-19 as tratativas referentes ao trabalho foram efetivadas de forma virtual e on-line.

Como uma forma de apresentar esse trabalho, inspirações de nossas vivências nos velórios foram resgatadas, desde os mais antigos, nos tempos de crianças, até os mais recentes, nesse momento de pandemia. A nostalgia tomou conta de nosso ser, onde em pensamento com ela, buscamos pontuar detalhes vividos e muitas vezes sofridos. Lembramo-nos das noites em claro, das rezas e rezadeiras que eram sempre aguardadas, alguns com cânticos da igreja católica, o tradicional “Segura na mão de Deus e vai...”, o lamento e o choro copioso dos entes mais próximos, dos lanches servidos, pela manhã um café, leite e pão com manteiga, na hora do almoço, o tradicional macarrão, e se o corpo chegasse pela tarde, para ser enterrado no dia seguinte, havia então o jantar, que normalmente acompanhava o mesmo cardápio do almoço.

Como objetivo geral, buscamos compreender: morte, velório, e o que vêm a acontecer entre esse tempo até o sepultamento e para que isso possa vir a acontecer,

ponderamos questões como: o que é a morte? Qual o significado do velório? Qual a tratativa necessária para que se possa obter sucesso em um ritual dessa magnitude? Oportunidade de mercado ou aperfeiçoamento no atendimento?

A ideia da realização do artigo final para conclusão dessa especialização se deu no momento em que eu estava em sala de aula, ainda presencial e recebo uma ligação na qual eu saio da sala e atendo: minha afilhada faleceu... Desespero, mas segui a aula e depois fui para a casa da minha comadre onde participei de todo o velório. Um segundo momento, dessa vez já nas aulas on-line, iniciando a aula recebo uma ligação: meu pai faleceu lá na Bahia... A forma como foi tratado ambos os casos, foi completamente distinta e desoladora, uma com um cortejo fúnebre impecável, outro, sem sequer um momento íntimo familiar.

Entre esses dois acontecimentos, uma amiga da família, um primo e um tio-avô faleceram com COVID-19, e toda restrição de urna lacrada, velório com tempo e integrantes reduzidos, uso de máscara, álcool gel 70%, distanciamento, sem abraços, sem aperto de mãos, sem toque, sem afago e o medo, medo de tudo.

Com tantos questionamentos, dúvidas e receios buscamos descobrir onde e como a hospitalidade pode atuar, buscamos compreender sobre os rituais de um velório, seus significados, descobrir e desmistificar situações adversas que podem surgir durante tal rito.

2. Hospitalidade

No dicionário *on-line*, o significado da palavra hospitalidade é: Ação ou efeito de hospedar, de receber ou acolher alguém como hóspede; hospedagem. Gottman (2009) demonstra em seu texto que, a hospitalidade faz parte do cotidiano de todo ser humano, onde desde uma simples saudação se faz presente e perceptível, e cabe a cada qual compreender e aceitar. Nesse sentido, Mahabharata (apud Lashley, 2015) “Mesmo a um inimigo deve ser oferecida hospitalidade apropriada se ele vier à sua casa. Uma árvore não nega sua sombra mesmo àquele que veio cortá-la”.

O termo hospitalidade se refere também, ao local ser hospitaleiro, ao ato de hospedar, considerando sempre o ponto de vista do hóspede. Todavia, é certo que a

hospitalidade não consiste apenas em receber o outro, trata-se de um ato social. O ato de hospedar e ser hospitaleiro são muito mais complexos que simplesmente receber o visitante. Consiste na aproximação de culturas. Trata-se de uma relação de troca de valores entre o visitado e visitante.

Baptista (2002) define a hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro. As práticas de hospitalidade deverão marcar todas as situações da vida, ou seja, a hospitalidade não deverá ficar circunscrita à disponibilidade para receber o outro, o visitante que chega de fora e está de passagem pela cidade, é necessário que esta atitude de acolhimento e cortesia, seja a todo o próximo, seja o vizinho, o colega de trabalho ou um desconhecido.

A importância e a relevância dessa articulação são reforçadas pelos mitos que colocam o acolhimento, a hospitalidade, como um dever sagrado, Lashley (2004) diz que “o dever de ser não só generoso em relação ao forasteiro, mas também protetor é um importante aspecto desse filão de hospitalidade”.

Lashley (2015) salienta que a ideia de hospitalidade fazia referência à imagem de hóspedes sendo recebidos e acolhidos, desde que pudessem pagar por isso. Mas que se tem duas formas de ser vista também, uma delas é oferecida na expectativa da contrapartida do ganho pessoal, ou seja, o comércio, ou pode ser ofertada meramente pelo prazer de dar prazer a outras pessoas.

A hospitalidade é também, segundo Montandon (2011) "uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis". Nesse sentido, a hospitalidade é "concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas também como uma forma própria de humanização, ou no mínimo, uma das formas essenciais de socialização".

Jones & Lockwood (2004) relatam o surgimento da hospitalidade da seguinte forma:

Em Roma foi desenvolvido uma série de operações de hospitalidade relacionadas ao ato de comer, beber e acomodar. As poucas pessoas que tinham condições de viajar, ou viajavam, com o Rei, hospedavam-se em castelos mais próximos à custa da nobreza local. Os mosteiros, as abadias e as propriedades privadas eram utilizados para alojar a pequena quantidade de viajantes. (Ibid.).

Analisando a origem da hospitalidade, percebe-se que ocorreram muitas mudanças ao longo do espaço e do tempo. Segundo Knigge (apud Montandon, 2011):

Nos tempos antigos, tínhamos uma ideia elevada sobre os deveres da hospitalidade. Esta ideia ainda prevalece nos países e províncias não muito povoados, ou naqueles em que predominam os costumes mais simples e onde encontramos menos riquezas, luxo e corrupção, ou ainda no campo, onde direitos da hospitalidade são sagrados. Em contrapartida, em nossas brilhantes cidades, de onde o tom da alta sociedade começa pouco a pouco a banir toda a simplicidade, as leis da hospitalidade não são mais do que regras de boa educação que cada um, de acordo com a sua posição e seu bel-prazer, admite e respeita mais ou menos. (Ibid.).

Telfer (2004) evidencia a hospitalidade como a indústria que compreende uma grande variedade de negócios, todos dedicados a prestar serviços a pessoas que estão longe de suas casas.

Mas Raffestin (1997) lembra que esse ato preliminar a toda construção das cidades não é um ato somente material, mas é, também, imaterial na medida em que é igualmente uma regra moral. Diz ele: “Todo limite é intencional e voluntário e ele não é jamais arbitrário”.

Observa-se pelas citações dos autores que a hospitalidade sempre é relacionada ao outro. Uma pessoa é hospitaleira a outra. A hospitalidade é intrínseca nas pessoas. Entendida como um gesto de compensação, a hospitalidade implica na transposição de um espaço e em estabelecer um ritual de acolhimento. Ao admitir aquele que chega (o outro) ao interior, estabelece-se uma desigualdade de lugar e de estatuto: um é o “dono do lugar” (autóctone) enquanto o que é recebido encontra-se ali temporariamente. Salienta-se que esse espaço “atravessado” não se reduz ao plano geográfico (urbano e doméstico), e contempla, no plano psíquico, o território do outro (Grassi, 2004; Vernant, 2008).

Já Lashley (2004) utiliza-se de uma reflexão de Visser (1990) para afirmar que a hospitalidade é relacionamento. A hospitalidade sendo parte do extrato básico da sociedade, tem como função estabelecer relacionamentos ou promover um relacionamento já estabelecido. É a possibilidade de encontros que podem levar à relacionamentos, propiciando a troca e o benefício mútuo para o anfitrião e o hóspede.

Selwyn (2004) reafirma essa ideia, sobre a função básica da hospitalidade que, segundo ele, além de estabelecer um relacionamento, promove relacionamentos já

existentes. Desse modo, os atos relacionados com a hospitalidade consolidam estruturas de relações, afirmando-as simbolicamente, ou (no caso do estabelecimento de uma nova estrutura de relações) são estruturalmente transformativas. No segundo caso, os que dão e/ ou os que recebem hospitalidade, não são mais os mesmos, depois do evento, como eram antes (aos olhos de ambos, pelo menos). A hospitalidade transforma estranhos em conhecidos, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos e forasteiros em pessoas íntimas.

3. Morte

Ferry (2007) evidencia que a vida vai além do campo do conhecimento do mundo e da história e que devemos nos interessar pelos outros humanos, atuantes e coadjuvantes no momento em que nossa existência acontece. Não estamos sós e nem tampouco poderíamos nascer e subsistir sem a ajuda dos outros humanos. A ética, nesse contexto, é o que nos permite adotar regras de “como nos comportar de modo ‘vivível’, útil, digno, de maneira ‘justa’ em nossas relações com os outros (...)”.

Todo ser vivo passa pelos estágios da vida: nascer, crescer, se multiplicar, envelhecer, morrer. Alguns não chegam a ter todo o ciclo completo, mas todos se encerram da mesma forma, através da morte. No dicionário *on-line*, o significado da palavra morte é: “Cessação completa da vida, da existência de; óbito, falecimento.

Ariès (2003) aponta a compreensão da morte como “algo muito simples e que atravessa as idades, algo que reencontramos ainda em nossos dias, ao menos como uma sobrevivência, no interior das sociedades industriais: o reconhecimento espontâneo da finitude da vida.” Combinato (2005) descreve a morte como “um acontecimento que faz parte do desenvolvimento e está presente no cotidiano de todos.” Normalmente acontece sem um “aviso prévio”, sempre em momentos inusitados, inesperados, o que faz com que sejam tomadas atitudes se quer saber o como proceder. Poucas pessoas deixam expostos os seus desejos do que deve ser feito em seu rito de passagem.

Ainda no dicionário *on-line*, o significado da palavra Velório é: Ato de velar um morto”. A colunista Ana Cláudia Rebello, no site da Maracanã assistência funeral declara que a palavra velório provém da palavra velas, complementa ainda que, a vertente mais

simples aponta que na época antiga, usando não havia luz elétrica, as pessoas seguravam velas ao mesmo tempo em que vigiavam os falecidos.

Assim como os povos antigos também diziam que precisavam sim velar o morto, por que “tinha uma doença que a pessoa acordava depois de 24 horas” e por isso seguiam a tradição, para não enterrar a pessoa viva, haja visto que já tiveram muitas histórias, segundo os mais antigos. E por conta da falta de recursos, também colocavam o corpo em cima de uma mesa, ou poderia até mesmo ser na cama, onde acontecia esse hábito de velar o corpo. Atualmente essa doença já é conhecida pelos estudiosos como Catalepsia, onde o paciente pode ficar até mais de 24 horas desacordado.

O velório é um evento coletivo no qual ocorre a despedida e homenagem a alguém que partiu, reservado para que familiares, parentes e amigos se despeçam da pessoa querida durante um período que precede o seu enterro ou cremação. Por ser considerado um último encontro, esse é o espaço ao qual afluem ações de reconhecimento da existência de uma estrutura social, é a oportunidade em que assomam representações coletivas ou sociais em torno do evento da morte e suas significações que apontam aspectos relevantes da estrutura social, é o momento onde são prestadas as últimas homenagens.

O espaço onde ocorre o ato de velar o corpo não é o mais importante, por que a partir do momento em que o féretro chega, aquele ambiente se torna em um espaço sagrado, pois as pessoas estão ainda mais interligadas por uma série definida de relações sociais num todo integrado e embora seja um evento periódico, essa cerimônia se torna parte de um conjunto da vida que contribui socialmente para manter a continuidade da estrutura dos participantes desse meio.

3.1. Funeral como evento

No estudo da Hotelaria, um funeral se enquadra como um evento, diversos autores descrevem os tipos de eventos, suas características. Andrade (2002) define eventos como o fenômeno multiplicador de negócios, pelo seu potencial gerador de novos fluxos de visitantes. Ou ainda, evento é todo fenômeno capaz de alterar determinada dinâmica da economia.

Zobaran (2012) afirma que para atingirmos esse sucesso é importante saber realmente o que estamos fazendo e para quem. Só assim, com o conceito em mãos, podemos “cumprir o objetivo”. Simões (1995) diz que evento é um acontecimento criado com a finalidade específica de alterar a história da relação organização-público, em face das necessidades observadas. Caso esse acontecimento não ocorresse, a relação tomaria rumo diferente e, certamente, problemático. Acoplado a qualquer evento, um quesito de suma importância está sempre agregado e quando bem inserida, a hospitalidade faz com que a excelência esteja bem mais próxima de seu alcance.

Cristina Mesquita nos relata no site da CNCP (Comitê Nacional de Cerimonial e Protocolo) que “Todos os povos ritualizam seus mortos e apresentam maneira similar de reação diante da perda por morte de um ente querido.” O funeral é a cerimônia completa até o sepultamento, um dos tipos de eventos mais delicados, por comover a todos, e garantir uma despedida respeitosa aos familiares e amigos, torna-se relevante a presença e atuação de um profissional de Cerimonial. Por requerer cuidados que envolvem tanto questões emocionais quanto burocráticas.

Durkheim (1989) afirma com isso, que “o estado afetivo no qual o grupo se encontra reflete as circunstâncias que atravessa”. Há, portanto, um efeito contagiante, pois, “não somente os próximos mais diretamente atingidos trazem para a assembleia a sua dor pessoal, mas a sociedade exerce sobre seus membros uma pressão moral para que coloque seus sentimentos em harmonia com a situação”.

De acordo com Radcliffe-Brown (1973), “a função de determinado costume social é a contribuição que este oferece à vida social total como funcionamento do sistema social total”. Desse modo, um velório em que muitos pranteiam, figura não apenas a importância do falecido e da família dentro de um sistema social, mas certa unidade, à qual Radcliffe-Brown (1973) chamou *unidade funcional*. Sua função é promover um grau suficiente de harmonia, apaziguando ânimos mais exaltados e possíveis conflitos provenientes de diversas situações que possam emergir nestes espaços, como afirma Balandier (1997) sobre a função do rito: “por meio do rito, os conflitos, as desorganizações e os males são temporariamente transformados; o rito não age nem como um meio de repressão, nem como um exutório; capta as energias que se desprendem dessas situações para converter positivamente, faz do que é provocador de

confrontos, de ferida social e de degradação individual, um fator de reconstrução e de coesão".

O ritual do velório funciona como mecanismo de recolocação da vida social no curso da sua normalidade interrompida pela morte. Quanto mais pesquisado, o assunto vai aprofundando gradativamente no alcance das civilizações antigas também, onde surgem os ritos que acabam se tornando cerimônias de convivência, o sentir a morte do outro, por que ele é apenas mais um que morre nesse mundo moderno o qual vivemos, uma memória me veio à tona quando me lembro de um velório de uma tia da minha avó, eu ainda era uma criança e me lembro de que a cidade toda se reunia, muitos visitavam durante a noite, madrugada a dentro, as rezas, os cantos, todos estavam presentes para que "aquela alma chegasse mais leve ao reino dos céus".

Recordações vão surgindo sempre sobre os aspectos da vivência e da troca de experiências, muitos comentam até mesmo sobre suas próprias vestes após visitar um velório, pois diversas pessoas relataram que precisa tomar um banho e, que as roupas usadas durante o velório, precisam ser lavadas de forma imediata. A poluição deixada pela morte, faz parte da cultura humana, pois associam a morte com sujeira, fazem parte de um simbolismo o qual nem sempre é facilmente explicado.

Papalia, Olds e Feldman (2009) descreve o percurso de vida como um início, meio e fim. O fim pode ocorrer durante a própria gestação, mediante aborto, ou em qualquer outra fase da vida, embora a sociedade geralmente defina a morte como algo que acontece quando a pessoa já tem uma idade avançada, ou seja, na velhice.

É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance (Kübler -Ross, 1987). A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis. O que mudou foi nosso modo de conviver e lidar com a morte, com o morrer e com os pacientes moribundos (Kübler -Ross, 1987).

A morte é encarada por Genep (2011) como um processo, o luto como acompanhante da morte também se identifica como processo e não estado, que engloba as reações frente a perda. Toda perda significativa pressupõe o luto, que pode ser entendido segundo Fukumutsu (2012) como um processo de ajustamento e elaboração

do sentimento de pesar perante a perda. O luto está lado a lado com a morte, como evento, e ao lado da vida como processo. É um percurso de mão dupla, uma busca preservar a lembrança, a outra busca a abertura para a construção de novos laços afetivos. Sim, a perda é angustiante e assustadora e, por vezes, parece insuportável. Mas a perda não pode ser pensada apenas como subtração, mas sim como mudança pois elas dão significado a nossa vida.

Menezes e Gomes (2011) ressaltam que os rituais em torno da morte, assim como quaisquer outros rituais refletem os valores e as crenças compartilhadas por cada grupo, cultura ou sociedade, sendo eles formas indispensáveis para exprimir e solidificar os vínculos, partilhar emoções, valorizar certas situações, assegurar e reforçar a coesão social. Os rituais então podem ser encarados como uma teia comunicacional complexa que abrange cultura junto de seus significados específicos, organização e ação social expressas em um acontecimento presente e imediato (funeral; casamento; nascimento etc).

Os rituais fúnebres indicam a ideia de que a sequência de atividades humanas se completou, é organizado de tal maneira que a despedida possa ser feita em conjunto por todos que estabeleceram algum tipo de vínculo com a pessoa que faleceu, a pessoa precisa morrer para sua família, mas também para a sociedade, encerrando seu papel e participação nesta condição. E que podem ajudar a simbolizar a morte do ente querido, favorecendo a reintegração no cotidiano e na sociedade, integração que foi interrompida pela mudança que a perda ocasiona (Souza; Souza, 2019).

De acordo com Freitas (2013), o luto é uma experiência dura e profunda de perda, além de evocar sentimentos acerca da própria condição de mortalidade. Segundo Caranaúba, Pelizzari e Cunha (2016), a dor da perda acarreta sofrimento, pois significa o desaparecimento não apenas daquela pessoa, mas também de uma história em comum, uma história de vida e vínculo que se tinham com a pessoa que partiu. Junto com a notícia da morte vem um processo temporário de desorganização e esvaziamento do sentido das coisas. Em momentos de perda pela morte, é compreensível que parte da reflexão daqueles que sobreviveram seja voltada para si mesmos, a partir da percepção de que aquilo também acontecerá com ela.

Quanto aos rituais praticados após a morte, Bee (1997) analisa que funerais ou outros rituais de morte atendem a diferentes funções, que incluem a definição dos papéis para os enlutados, a aproximação da família e o proporcionar um sentido à vida e à morte do falecido. Ou seja, faz parte do processo de luto a família e amigos poder vivenciar um ritual, sendo, muitas vezes, caracterizado por estilos diferentes de velórios ou funerais, dependendo de cada cultura.

Por questões de salubridade e crescimento das cidades, os cemitérios passaram a ser construídos fora das cidades. Segundo Kovács (1992) os cemitérios foram construídos em parques, tornando-se além de locais de enterro, também lugares de passeio, descanso e oração.

4. COVID-19 e os ritos de passagem

No ano de 2020, o mundo se depara diante das complicações causadas pelo Coronavírus (*Coronavirus Disease* - COVID-19). A epidemia surgiu na província de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, mas rapidamente se espalhou por todo mundo, a doença foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma emergência de saúde pública de preocupação internacional em 30 de Janeiro de 2020, quando todas as 34 províncias do país reportavam casos da doença, e o total de infectados já ultrapassava o número atingido pela Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) no ano de 2003 (Ho; Chee; Ho, 2020).

Em 11 de Março de 2020, frente ao rápido crescimento do número de infectados e mortes pela COVID-19 nos mais diferentes países, a Organização Mundial de Saúde passa a declarar a situação como uma pandemia, que segundo a OMS (2020), é definida como a disseminação mundial de uma nova doença.

Ainda que uma parcela significativa de infectados apresentaram graus leves ou moderados destes sintomas, um número expressivo de casos precisou de internação hospitalar e tratamento em unidades de terapia intensiva (UTI's), contudo, a recuperação do quadro de sintomas agudos da COVID-19, em ambiente hospitalar, pode requerer vários dias de internação.

Medidas de distanciamento social para toda a população foram empregadas globalmente com o intuito de impedir a rápida disseminação da doença e a preservação dos sistemas de saúde para o atendimento da crescente demanda por leitos hospitalares. As medidas de distanciamento social não têm o intuito de apenas parar a transmissão do vírus e sim, de achatar sua curva de contágio para que os leitos hospitalares não atinjam a capacidade máxima, o que levaria a um colapso no sistema de saúde do país.

O agravamento dos sintomas pode acometer e matar pessoas jovens e vistas como “mais saudáveis” (quando há a ausência de comorbidades que podem naturalmente complicar o quadro da pessoa). No início da pandemia, a baixa letalidade em pessoas mais jovens e “saudáveis” foi usada como resistência para a implementação de regras de distanciamento social, deixando claro em nossa sociedade quais vidas importam.

Durante esse período pandêmico o qual o mundo passou e ainda está a passar, houveram inúmeras mortes causadas pela doença. O gráfico abaixo, extraído do portal da Organização Mundial da Saúde (OMS), mostra o número de óbitos no mundo por Covid-19 até o dia 31 de dezembro de 2021, trazendo o exorbitante total de 5.439.911 (Cinco milhões, quatrocentos e trinta e nove mil e novecentos e onze).



Fonte: OMS. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>

Figura1 – Demonstrativo geral de mortes por Covid-19

Já o seguinte demonstrativo, traz o quantitativo de mortes no Brasil no mesmo período.



Fonte: OMS. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>

Figura 2 – Demonstrativo de óbitos no Brasil

Muitos não puderam realizar essa despedida, esse ritual de passagem e confirmação para as suas aceitações particulares por conta das inúmeras restrições. No estado de Goiás, segundo a Nota Técnica Nº: 02/2020 aponta em seus itens 6 e 7:

6. Não há proibição legal para a realização do velório e funerais de pessoas falecidas em decorrência de casos suspeitos ou confirmados por COVID-19, no entanto NÃO são recomendados devido à aglomeração de pessoas em ambientes fechados. Nesse caso, o risco de transmissão também está associado ao contato entre familiares e amigos. Essa recomendação deverá ser observada durante os períodos com indicação de isolamento social e quarentena.

7. Caso seja realizado o velório, deverá ser observadas as seguintes condições:

- Manter a urna funerária fechada durante todo o velório e funeral, evitando qualquer contato (toque/beijo) com o corpo do falecido em qualquer momento post-mortem;

- Disponibilizar água, sabão, papel toalha e álcool em gel a 70% para higienização das mãos durante todo o velório;

- Disponibilizar a urna em local aberto ou ventilado;

- Evitar, especialmente, a presença de pessoas que pertençam ao grupo de risco para agravamento da COVID-19: idade igual ou superior a 60 anos, gestantes, lactantes, portadores de doenças crônicas e imunodeprimidos;

- Não permitir a presença de pessoas com sintomas respiratórios, observando a legislação referente a quarentena e internação compulsória no âmbito da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) pela COVID-19; Caso seja imprescindível, elas devem usar máscara cirúrgica comum, permanecer o mínimo possível no local e evitar o contato físico com os demais;

- Não permitir a disponibilização de alimentos. Para bebidas, devem-se observar as medidas de não compartilhamento de copos;

- A cerimônia de sepultamento não deve contar com aglomerado de pessoas, respeitando a distância mínima de, pelo menos, dois metros entre elas, bem como outras medidas de distanciamento e de etiqueta respiratória;

- Que o funeral ocorra com no máximo 10 pessoas, não pelo risco biológico do corpo, por estar devidamente acondicionado, mas sim pela contraindicação de aglomerações.

Em conformidade com as recomendações citadas, a exigência da urna fechada, sem um toque, sem ver a pessoa que está sendo velada, muitos não tiveram esse momento de despedida.

Segundo Islaine Maciel (2020) a ausência desse ritual de despedida gera traumas e até patologias, Maria Julia (2020) nos relata: “Podemos dizer que há sérias perturbações nos processos de luto e isso pode dificultar a elaboração das perdas. Há uma previsão de que muitas pessoas tenham seu sofrimento intensificado e dificuldade de se adaptar à nova realidade sem a pessoa querida”.

5. Conclusão

Levando-se em consideração que o intuito deste trabalho está sob a humanização do atendimento, acolhida e acompanhamento aos que aqui ficam, causou uma preocupação em buscar essa resposta, em busca de levar alento aos corações, por mais que o momento não oferecesse um recurso tão amparador, uma vez que, fomos todos bombardeados com a incerteza de tudo, assim como aprendemos muito a lidar com toda essa questão.

Ainda assim, o desejo que sustentou a trajetória deste trabalho, foi trazer o esclarecimento buscado para que a aceitação da morte seja abrandada, aceita, demonstrando que tudo e todos estamos a cerca dessa temática, mas que podemos buscar em cada particularidade, a melhor forma de falar, sentir e expressar a morte.

Em vista dos argumentos apresentados, as experiências adquiridas a cada estudo, nos trouxe um olhar ainda mais profundo para essa “passagem”, fazendo com que o profissional de outrora, moldado para o mercado consumista, olhe para dentro de si, buscando captar no olhar do outro, o sentimento do momento o qual o outro está a passar, alimentando assim a sensibilidade para o “profissional ser humano”, colaborando para com que esse seja um momento menos doloroso e por que não dizer, inesquecível aos que aqui ficam.

O profissional da saúde que trata dos cuidados paliativos, assim como o profissional da hotelaria que vai em busca também dos mesmos cuidados seja ele em

uma clínica funerária, um campo-santo, uma sala reservada para o velório, buscam tratativas diversas que lhes foram confiadas em vida por aquela pessoa que está sendo homenageada naquele instante. E com base nessas informações, o profissional deve em primeiro lugar, respeitar o cadáver, em seguida os que estão a lidar com esse momento.

Assim como todo e qualquer ritual de transição humana, seja um casamento, um aniversário, uma primeira comunhão, entende-se que há uma necessidade de celebração, com a morte também não há de se deixar por menos, percebemos que despedir, encerrar esse ciclo, em busca de amenizar a dor que fica, assim como cada um em seu íntimo, busca de sua forma, projetar sua dor, sua despedida à sua maneira, seja ela realizando uma cerimônia festiva, seja grandiosa, silenciosa, um ritual particular, cada um tem a sua forma de encontrar um ponto de equilíbrio, porém necessário.

Haja vista que, muitos rituais durante a pandemia nos foram retirados, ficamos “intocáveis”, por conta do risco eminente do contágio por conta do vírus, não tivemos a oportunidade de “velar” nossos entes, se quer tomar um café, realizar um lanche enquanto nos despedíamos dos nossos, por que a duração que antes fora de 24 horas, durante a pandemia se restringiu a minutos, em locais sem privacidade e a céu aberto, com a urna lacrada.

Dentro desse contexto, tudo o que fora analisado e pesquisado define que a morte é a passagem para aquele que está no estado de óbito, mas que o ritual pertinente ao funeral, ao velório, ao sepultamento, esse tocar o intocável, esse pedido para soltar a voz aprisionada no mal-estar que esse tema habitualmente causa, e realocar uma tratativa privilegiada do rito na compreensão do vivido humano, torna-se um passo importante para os que aqui ficam e que precisam dessa confirmação, dessa aceitação, para que se possa conceber o encerramento desse ciclo da vida.

Em suma, haja vista a necessidade de profissionais para a área de trabalho em específica, entende-se que, existem profissionais e profissionais, alguns qualificados, capacitados, outros nem tanto. Contudo, compreende-se que, podemos tratar com mais intensidade, profundidade e qualidade para assuntos como esse, por que não dizer, em sala de aula. Abre-se aqui então espaço para que, estudos mais aprimorados, mais aprofundados e cautelosos, venham e agreguem conteúdo para maior aproveitamento e qualificação dos futuros profissionais.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2003.

ALMEIDA, Maxuel. **Como é o trabalho dentro de um IML? Quais casos mais te marcaram trabalhando com NECROPSIA?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Xc4cNLSEX4> – Acesso em 25 de jul de 2022 às 12:18h

ANDRADE, R. B. **Manual de Eventos** 2ª Edição Ampliada ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

Balandier G. **A desordem - Elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1997.

BAPTISTA I. **Lugares de hospitalidade**. In DIAS, C. (ORG) Hospitalidade, reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

CARANAÚBA, Raquel Arruda; PELIZZARI, Cláudia Camargo Arthou Sant'Anna; CUNHA, Samai Alcira. **Luto em situações de morte inesperada**. Revista Pisque, v. 1, n. 2, p. 43-51, ago/dez 2016. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/psq/article/view/945/724>. Acesso em: 11 abr 2020.

COMBINATO, D. S; QUEIROZ, M. C. **Morte: uma visão psicossocial**. Estudos de Psicologia, Natal, v. 11, n. 002, p. 209-216, maio-ago. 2005.

Curiosidades que vão além – a origem do velório – Disponível em: <http://maracanaassistencia.com.br/blog/curiosidades-que-vao-alem-a-origem-do-velorio/#:~:text=Voc%C3%AA%20sabia%20que%20a%20palavra,em%20que%20vigiam%20os%20falecidos>. Acesso em: 05 Set 2022.

DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> Acesso em: 05 Set 2022.

Durkheim E. **As formas elementares de vida religiosa** São Paulo: Paulinas; 1989.

Ferry, L. (2007). **Aprender a viver: filosofia para novos tempos**. (V. L. dos Reis, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. **Luto e fenomenologia: uma proposta abrangente**. Revista da abordagem gestáltica, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsaud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 ago 2020.

FUKUMUTSU, Karina. **Perdas no Desenvolvimento Humano: um estudo fenomenológico**. 2. ed. São Paulo: Digital Publish & Print Editora, 2012.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOTTMAN, Anne. **Le sens de l'hospitalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

_____. **O comércio da hospitalidade é possível** – Revista Hospitalidade, São Paulo, ano V. VI, número 2, Dezembro 2009.

HO; Cyrus; CHEE, Cornelia; HO, Roger. **Mental health strategies to combat the psychological impact of COVID-19 beyond paranoia and panic**. *Annals of the Academy of Medicine*, v. 49, n. 1, p. 1-3, 2020. Disponível em: <http://www.anmm.org.mx/descargas/Ann-Acad-MedSingapore.pdf>. Acesso em: 11 abr 2020.

JONES, Peter; LOCKWOOD, Andrew. **Administração das operações de hospitalidade**. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. São Paulo: Manole, 2004.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.

_____. **Hospitalidade e hospitabilidade** - Revista Hospitalidade, São Paulo, ano V. XII, número especial, Maio 2015.

MACIEL, Islaine. **Luto na pandemia: Ausência do ritual de despedida gera traumas e até patologias**. 2020. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicousp/luto-na-pandemia-ausencia-do-ritual-de-despedida-gera-traumas-e-ate-patologias/> - Acesso em 17 Ago 2022 – 22:16h

MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine dos Campos. **“Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade**. *Revista de Antropologia*, v. 54, n. 1, 2012. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2011.38585>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38585>. Acesso em: 11 abr 2020.

MESQUITA, Cristina. **Cerimonial de Homenagens Fúnebres**. Disponível em: <https://cncp.org.br/agenciadenoticias/2021/06/17/cerimonial-de-homenagens-funebres/> - Acesso em: 12 ago 2021.

MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

NOTA TÉCNICA Nº. 02/2020 – Disponível em: https://www.saude.go.gov.br/files//banner_coronavirus/protocolos-notas/Notas%20T%C3%A9cnicas%20da%20Superintend%C3%A2ncia%20de%20Vigil%C3%A2ncia%20em%20Sa%C3%BAde/2020/Nota%20T%C3%A9cnica%2002-2020%20Servi%C3%A7os%20de%20somatoconserva%C3%A7%C3%A3o%20e%20funer%C3%A1rias.pdf – Acesso em 28 Jul 2022 às 23:41h

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 23 mai 2020.

PAPALIA, Diane; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Dustin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RADCLIFFE-Brown AR. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes; 1973.

RAFFESTIN, Claude. **Réinventer l'hospitalité**. Communications. L' hospitalité, Paris, Seuil, n. 65, 1997.

SELWYN, T. **Uma antropologia da hospitalidade**. In LASHLEY, C. MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SIMÕES, R. P. **Relações públicas: função política**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1995.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. **Rituais Fúnebres no Processo do Luto: significados e funções**. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000100509&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 abr 2020.

TELFER, Elizabeth. **A Filosofia da “hospitalidade”**. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.

ZOBARAN, S. **Evento é assim mesmo! - Do conceito ao brinde** – 3 edições – Rio de Janeiro: Ed: Senac Rio, 2012.